

XCLUSIVE

# FEED & FOOD

PORTA-VOZ DA AGROINDÚSTRIA DA CADEIA DE PROTEÍNA ANIMAL



## ESSENCIAL PARA O FUTURO DO PLANETA

POR MEIO DE PRODUTOS, SERVIÇOS E EXTENSÃO RURAL, **SAÚDE ANIMAL** ASSUME PROTAGONISMO DIANTE DOS DESAFIOS DE ALIMENTAR O MUNDO E REDUZIR AS EMISSÕES DE GASES DE EFEITO ESTUFA



# DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A CARCINICULTURA BRASILEIRA EM 2023

ITAMAR ROCHA

Quando se analisa o expressivo crescimento (270%) da produção de camarão marinho cultivado do Equador (256.37 mil km<sup>2</sup> e 600 km de costa), entre 2012 (270 mil t) e 2021 (1 milhão de t), em comparação com o modesto (60%) desempenho desse setor no Brasil (8 mil km<sup>2</sup> e 8 mil km de costa), entre 2012 (75 mil t) e 2021 (120 mil t), considerando-se as vantagens competitivas do Brasil em termos de áreas, clima, infraestrutura básica, produção de grãos e privilegiada localização geográfica em relação aos EUA e UE; mostra claramente que o diferencial de apoios e regulações, dispensados a este setor por um e outro país, fez uma enorme diferença em prol dos seus respectivos desempenhos produtivos.

Especialmente, quando se tem presente que num passado bem recente (2003), o Brasil produziu 90.19 mil t e exportou 58.455 mil t mais camarão marinho cultivado do que o Equador (77.4 mil t e 58 mil t), inclusive ocupando a liderança mundial de produtividade (6.083 kg/ha/2003) e o 1º lugar (25,5%) das importações de camarão marinho cultivado, nas classificações 51-60; 61-70 e 71-90, pelos EUA.

Além disso, em 2004, o camarão cultivado do Brasil ocupou o 1º lugar (25,6%) das importações de camarão tropical pela União Europeia, com especial destaque para as importações de camarão da França (101.049 t), o mercado importador de camarão mais exigente, com uma participação de 28% (28.293,7 t), sendo que, em ambos os mercados, o camarão do Equador participou sempre em 3º lugar.

No entanto, sem explicações mercadológicas plausíveis, o camarão brasileiro perdeu o merca-

do americano por causa da ação de dumping, embora a sua taxa média tenha sido de apenas 7,05%, ou seja, um pouco superior ao imposto de 4,2% que o mesmo pagava para entrar nos EUA, afora o fato do dumping ser pago pelas empresas importadoras; mas, no entanto, enquanto China, Índia e Vietnã, com taxas de dumping bem superiores, permaneceram exportando, o camarão cultivado do Brasil foi totalmente afastado do mercado norte-americano.

De todo modo, o camarão brasileiro foi o único dos cinco países a sair do processo de dumping, ainda em 2017, inclusive, por 5x0 na votação da ITC (International Trade Commission), enquanto, China, Índia, Vietnã e Tailândia, também por 5x0, foram mantidos na ação por mais cinco anos.

Por outro lado, na sequência, de uma irreal desvalorização cambial, o camarão brasileiro, a partir de 2010, com a perda do SGP (Sistema Geral de Preferência), passou a pagar impostos de exportações de 12% para camarão com cabeça e 20% para o camarão sem cabeça, perdendo competitividade para continuar exportando ao mercado europeu, sendo ainda penalizado em 2019, quando o pescado brasileiro, por obra e graça do descaso governamental, foi proibido de exportar para a União Europeia.

Nesse sentido, a alternativa para continuar produzindo, especialmente o camarão, que também não tem autorização para exportar para a China (3º mercado importador de camarão), foi direcionar toda sua produção para o mercado interno, que num primeiro momento desempenhou um papel decisivo para a retomada do desenvolvimento e recuperação setorial, tendo, inclusive, contribuído para o crescimento de 100%,

de 2016 (60 mil t) a 2021 (120 mil t) e, de forma impensável, para um incremento de 33,3% no período da pandemia, somando 112 mil t (2020) e 120 mil t (2021), em relação à 2019 (90 mil t), sendo que apenas 341 t/US\$ 1,5 milhão foram exportados, isso de um total de 4.6 milhões de toneladas/US\$ 30 bilhões em 2021.

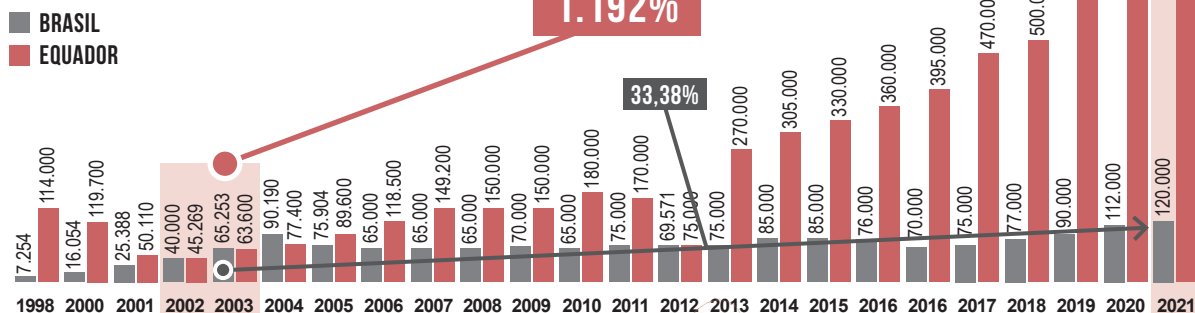
Mas, com o continuado crescimento da produção brasileira de camarão marinho cultivado, cujas projeções apontam para 150 mil t em 2022 e 180 mil t em 2023, não há dúvida de que o retorno ao mercado internacional, a partir de 2023, será imperativo para regular preços internamente e assegurar a sustentabilidade econômica da carcinicultura brasileira, tendo presente que a capacidade brasileira de produzir um camarão pequeno médio, de forma altamente competitiva para atender a demanda latente da base da pirâmide consumidora, nenhum dos atuais líderes exportadores (Equador, Índia, Vietnã, Tailândia) podem atender.

Notadamente, para analisar a evolução da carcinicultura marinha no Ceará, líder brasileiro na produção de camarão marinho cultivado, usamos como base os dados dos censos setoriais realizados pela ABCC: em 2004 (191 fazendas, localizadas em 13 municípios); 2011 (325 fazendas, localizados em 21 municípios); 2016 (700 fazendas produtoras, localizadas em 28 municípios) e 2021 (1.865 fazendas, sendo 1.786 ativas, 64 inativas e 15 em implantação, localizadas em 62 municípios).

Ou seja, num espaço de cinco anos, houve um incremento de 125,87% no número de fazendas de camarão, majoritariamente composta por micros e pequenos produtores e de 121,4% no número de mu-

# EQUADOR E BRASIL: DADOS COMPARATIVOS DA EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE CAMARÃO MARINHO

( CULTIVADO ENTRE 1998 E 2021, COM DESTAQUES PARA OS ANOS 2002/2003 E 2021 )



Fonte: ABCC, Undercurrent News/CNA, janeiro 2022

## PRODUÇÃO BRASILEIRA DE CAMARÃO MARINHO CULTIVADO POR ESTADO

DADOS REAIS DE 2016 A 2021



ESTADOS	PRODUÇÃO (toneladas)					
	2016	2017	2018	2019	2020	2021
CEARÁ	34.000	30.000	29.000	35.000	47.000	55.600
RIO GRANDE DO NORTE	15.000	19.500	23.000	26.000	28.000	26.000
PARAÍBA	2.000	2.400	6.000	7.000	8.100	10.000
PERNAMBUCO	2.200	3.200	5.500	6.500	8.000	8.500
BAHIA	2.500	3.400	5.600	5.800	7.000	6.000
SERGIPE	2.000	3.200	5.000	6.000	7.000	6.000
PIAUI	1.500	1.800	1.600	1.700	3.500	4.000
ALAGOAS	400	630	700	1.200	2.500	2.900
OUTROS (MA, SC, PR, PA, SP, RS, RJ, GO, TO, MG)	400	870	600	800	900	1.000
<b>Produção Total</b>	<b>60.000</b>	<b>65.000</b>	<b>77.000</b>	<b>90.000</b>	<b>112.000</b>	<b>120.600</b>

Fonte: ABCC, 2022

nicípios que exploram essa atividade em relação a 2016, com destaque para a interiorização da exploração do *L. vannamei*, utilizando águas oligohalinas, de uso insignificante, estabelecendo uma nova ordem econômica, cujo principal destaque foi, sem qualquer obra ou ação estruturadora governamentais, com ciclos contínuos de produção e uma rentabilidade de 5-10 vezes superior às culturas tradicionais, isso sem uso de agrotóxicos.

Nesse mesmo contexto, a Paraíba, terceiro maior produtor de camarão cultivado do Brasil (10 mil t) em 2021, vem se destacando pe-

lo fato de que, no Polo Litorâneo, apenas sete municípios exploram a carcinicultura, contando com 50 fazendas, enquanto o Polo do Interior já conta com 70 municípios, com 230 fazendas cultivando o *L. vannamei*, cujas produtividades (15 toneladas/ha/ano) e receitas (R\$ 300 mil) médias, com ciclos contínuos de produção e, acima de tudo, utilizando águas oligohalinas, notadamente do subsolo, cujo permanente processo de recirculação vem superando a escassez de chuvas, se encaixando como uma luva na mitigação das frequentes estiagens.

É importante destacar que, no

Equador, com todo seu gigantismo operacional e produtivo, dez empresas de porte excepcional detêm 60% das exportações de camarão; mas, está em curso um chamamento de oportunidades de investimentos com foco na formação de clusters, consórcios e empresas âncoras, tendo presente que cerca de 1,7 mil empreendimentos da sua carcinicultura, mesmo sendo de médio e grande porte, estão acenando na atração de coligações para acessar diretamente os mercados importadores, o que de forma idêntica, poderia se aplicar, até com muito mais propriedade para a presente situação da carcinicultura brasileira, cuja participação de micros, pequenos e médios empreendimentos já é da ordem de três mil unidades.

Por isso, não temos dúvidas de que o grande interesse nacional e internacional pelo desenrolar dos negócios durante a Fenacam'22 está diretamente relacionado à necessidade de se estabelecer um contraponto ao desenfreado crescimento da produção e exportação de camarão cultivado do Equador, para prevenir que um acidente de percurso coloque em risco a política de preços, como ocorreu no ano 2000. ■

### ITAMAR ROCHA

é presidente da ABCC e da Fenacam'22, diretor do DEAGRO/FIESP e presidente da MCR